

O papel da fonoaudiologia para o desenvolvimento da linguagem da criança surda: relato dos pais e dos sujeitos surdos

Amanda Ballarin Dias¹

Cintia Najla Fabi Gammelar²

Maria Cecília Marconi Pinheiro Lima³

Pesquisa realizada no Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação Prof. Dr. Gabriel O. S. Porto, da Faculdade de Ciências Médicas - Universidade Estadual de Campinas.

Resumo

Tema: fonoaudiologia e o desenvolvimento da linguagem na criança surda. **Objetivo:** verificar qual o papel da fonoaudiologia e das práticas fonoaudiológicas para o desenvolvimento da linguagem da criança surda, segundo seus pais e os sujeitos surdos. **Métodos:** trata-se de um estudo qualitativo, realizado com crianças e adolescentes de 9 a 14 anos, que integram o Programa de Escolaridade para Surdos, assim como com seus pais. Os sujeitos frequentavam terapia fonoaudiológica há cinco anos ou mais, apresentavam surdez isolada em diferentes graus e eram usuários da língua brasileira de sinais. A coleta de dados foi realizada com a aplicação de dois questionários semiestruturados: um destinado aos pais e outro destinado aos próprios sujeitos surdos. **Resultados:** Foram entrevistados treze sujeitos surdos e doze pais, considerando que dois dos sujeitos são gêmeos. **Conclusão:** Verificou-se que a Fonoaudiologia tem um papel fundamental para o desenvolvimento do sujeito surdo, não apenas no que se refere à indicação da prótese auditiva, como também à escolha da abordagem educacional e ao acompanhamento do tratamento clínico profissional.

Palavras-Chaves: Surdez. Linguagem. Fonoterapia.

¹Fonoaudióloga. Especialização em Fonoaudiologia na Área da Surdez pela Universidade Estadual de Campinas.

²Fonoaudióloga. Especialização em Fonoaudiologia na Área da Surdez pela Universidade Estadual de Campinas.

³Docente do Curso de Fonoaudiologia FCM/UEL, Unicamp. E-mail: ceclima@fcm.unicamp.br

Introdução

O sujeito surdo tem sido visto, no decorrer da história, sob diferentes olhares, o que tem ocasionado transformações em correntes teórico-educacionais e, consequentemente, em concepções a respeito da surdez. As duas principais correntes educacionais, com concepções opostas sobre a surdez, adotadas para a educação do surdo, são o oralismo e o bilinguismo.

A abordagem oralista, segundo Carvalho e Levy (1999), tem como principal objetivo o ensino da língua oral para, desta maneira, inserir o surdo na comunidade dos ouvintes, vendo a surdez como uma deficiência a ser tratada, minimizada por meio da construção de uma personalidade ouvinte no sujeito surdo.

A partir da emergência das idéias ligadas ao bilinguismo, surge outra concepção de surdez, vendo o sujeito surdo como diferente e não mais como deficiente ou anormal. Ao assumir essa concepção de surdez, Skliar (1998) relata entender “diferença” conforme McLaren (1995) “não como um espaço retórico — a surdez é uma diferença — mas como uma construção histórica e social, efeito de conflitos sociais, ancorada em práticas de significação e de representações compartilhadas entre os surdos” (p.13). Segundo Gesueli (2006), a concepção de surdez na qual se baseia o bilinguismo implica mudanças ideológicas que rompem, de fato, com a concepção oralista.

O contato da área da Fonoaudiologia com o sujeito surdo ocorre em várias situações, desde a suspeita da surdez, uma vez que é o fonoaudiólogo quem realiza inicialmente a avaliação audiológica, até posteriormente, quando confirmada a perda auditiva, com o trabalho terapêutico.

Assim, como as propostas educacionais voltadas para o sujeito surdo têm sofrido modificações, o fazer fonoaudiológico também tem sido questionado e acusado de demonstrar uma visão meramente clínico-médica da surdez, buscando a reabilitação do sujeito surdo (SKLIAR, 1997). Segundo Lacerda e Mantelatto (2000), o fonoaudiólogo presencia a perplexidade da família frente ao diagnóstico da surdez, cabendo a esse profissional orientar a família frente às possibilidades educacionais e terapêuticas oferecidas à criança surda e, ainda, decidir juntamente com a família os passos para o melhor desenvolvimento da criança.

A partir da década de 1980, com base em resultados insatisfatórios em relação à abordagem oralista, uma vez que a maioria dos surdos acaba desenvolvendo uma fala pouco inteligível, sentindo dificuldades em sua inserção no mundo ouvinte e desadaptados do mundo das pessoas surdas, fez-se necessário à Fonoaudiologia repensar suas práticas, assumindo, em alguns casos, o uso de sinais e de gestos.

O trabalho fonoaudiológico fundamentado na abordagem bilíngue visa trabalhar com a linguagem e não apenas com um segmento desta. Aceita a lin-

gua de sinais como a primeira língua do surdo e, a partir desta, trabalha com a aprendizagem do português oral ou escrito, baseando suas práticas em questões dialógicas e interativas em detrimento das meramente articulatórias.

O Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação Prof. Dr. Gabriel Porto (Cepre), da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, atua nas áreas das deficiências, auditiva e visual. Com as pessoas surdas, o Cepre mantém vários programas de atuação, direcionados para diferentes faixas etárias. O Programa de Escolaridade e Surdez atende crianças e adolescentes surdos, na faixa etária dos 6 aos 18 anos. Todos são incluídos em escolas regulares e comparecem a essa instituição em período contrário ao da escola. No Cepre, recebem atendimento pedagógico, fonoaudiológico e com instrutores de língua de sinais. As famílias recebem orientações com a área de psicologia e com os instrutores, a fim de serem expostos à língua de sinais. Em geral, as crianças (e suas famílias) são inseridas nos programas do Cepre, que os acompanha, em sua maioria, até terminarem o primeiro grau.

O atendimento fonoaudiológico recebido é individualizado, com o objetivo de expor a criança à língua oral e às técnicas de leitura oro-facial, usando os sinais como facilitadores, o que auxilia em uma maior compreensão do material trabalhado.

Levando-se em conta que as crianças do programa acima citado passaram pelo processo de diagnóstico, que os pais fizeram a opção por um atendimento bilíngue e que elas estão inseridas em escolas regulares, buscou-se, por meio deste trabalho, destacar o papel da atuação fonoaudiológica para o desenvolvimento da linguagem da criança surda, por meio da aplicação e análise de questionários aos pais e aos próprios sujeitos surdos.

Método

Trata-se de um estudo qualitativo, realizado no Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação Prof. Dr. Gabriel O. S. Porto (Cepre), da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

A pesquisa foi realizada com usuários do Programa Escolaridade e Surdez, com idades entre 9 e 14 anos, e seus respectivos pais. Todos os sujeitos participavam do Programa e conseqüentemente de terapia fonoaudiológica há cinco anos ou mais.

A coleta de dados foi realizada pela aplicação de dois questionários semiestruturados: um destinado aos pais dos sujeitos surdos e outro destinado aos próprios sujeitos surdos integrantes do Programa Escolaridade e Surdez. As perguntas foram feitas em língua oral para os pais ouvintes e em língua de sinais para as crianças e adolescentes surdos usuários da língua brasileira de sinais.

As respostas foram gravadas em áudio e em vídeo, sendo que após a realização das entrevistas os dados colhidos foram transcritos e analisados.

As gravações em áudio foram transcritas ortograficamente. Para a transcrição desses recortes foram utilizados os mesmos parâmetros propostos por Góes e Souza (1998). Desse modo, os enunciados sinalizados aparecem em caixa alta, registrados em ordem de ocorrência e mantendo-se os verbos no infinitivo, uma vez que, na língua brasileira de sinais, a marcação de tempo é de natureza discursiva e não morfológica. As falas estão reproduzidas em caixa baixa e, quando acompanhadas da letra S entre parênteses, mostram a ocorrência de sinalização do item imediatamente anterior. Foram citadas nas transcrições apenas as iniciais dos nomes para que, assim, a identidade dos sujeitos da pesquisa seja preservada.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (FCM-UNICAMP), sob Parecer n.º 554/2008. A participação ocorreu voluntariamente, e os responsáveis pelos sujeitos envolvidos no estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido após anuência.

Resultados e discussão

Ao todo foram entrevistados 23 sujeitos, entre eles 12 surdos, incluindo crianças e adolescentes de ambos os sexos (QUADRO 1) e 11 pais.

QUADRO 1 — Caracterização dos sujeitos surdos quanto ao sexo, idade atual, etiologia da perda auditiva, época de aparecimento da perda, classificação da perda auditiva, uso dos aparelhos de amplificação sonora individual (AASI) e tempo de reabilitação no Cempre.

SUBJETO	SEXO	IDADE ATUAL	ETIOLOGIA	ÉPOCA	CLASSIFICAÇÃO	USO AASI	TEMPO
1-MP	M	11	Idiopática	Congênita	NPB	Intermitente	6 anos
2-JH	M	11	Idiopática	Congênita	NPB	Intermitente	6 anos
3-MA	M	9	Meningite Bacteriana	Adquirida aos 5 meses	NPB	Frequente	7 anos
4-MR	F	9	Idiopática	Congênita	NMB	Frequente	7 anos
5-AD	M	13	Meningite Bacteriana	Adquirida aos 5 anos	NPB	Ausente	5 anos
6-DA	F	12	Idiopática	Congênita	NSB	Frequente	9 anos
7-JO	M	13	Idiopática	Congênita	NPB	Frequente	10 anos

Sujeito	Sexo	Idade Anos	Etiologia	Época	Classificação	Uso AASI	Tempo
8-LU	F	14	Idiopática	Adquirida recém-nascida	NPB	Frequente	11 anos
9-AB	M	10	Idiopática	Congênita	NPB	Frequente	12 anos
10-EM	M	11	Idiopática	Adquirida ao nascimento	NSB	Frequente	13 anos
11-KA	F	11	Idiopática	Congênita	NPB	Ausente	14 anos
12-AS	F	11	Idiopática	Congênita	NPB	Frequente	15 anos

M - sexo masculino; F - sexo feminino; AASI - aparelho de amplificação sonora individual; NPB - Neurossensorial Profunda Bilateral; NMB - Neurossensorial Moderada Bilateral; NSB - Neurossensorial Severa Bilateral.

Foram entrevistadas doze crianças e adolescentes surdos, cuja surdez foi devida a causas idiopáticas em dez (83,33%) casos e meningite bacteriana em dois (16,66%). Em oito (66,66%) casos, a perda foi congênita e em quatro (33,33%) adquirida. Em nove (75%) casos a perda é profunda bilateral, em dois (16,66%) severa e em um (8,33%) moderada. Em 8 (66,66%) casos, havia uso frequente dos AASI, em dois (16,66%) era intermitente, com uso apenas na instituição e em dois (16,66%) casos os AASI não eram utilizados. A idade de diagnóstico dos pacientes variou de três casos no primeiro ano de vida, cinco entre um e dois anos, e dois entre três e cinco anos.

Observou-se que a idade de diagnóstico foi bastante variada, ocorrendo durante o primeiro ano de vida em quatro casos, entre um e três anos em cinco, e aos cinco anos em dois casos. Sendo a idade das crianças e adolescentes entre nove e quatorze anos, na época em que nasceram não se realizava a triagem auditiva neonatal nesta instituição, e, portanto, o diagnóstico foi tardio, na maioria a partir do segundo ano de vida, fase do início da aquisição da língua oral.

Respostas dos alunos surdos

Com relação ao questionário aplicado, observou-se que nas perguntas relacionadas à terapia fonoaudiológica, oito (66,66%) puderam identificar o tempo em que faziam terapia, sendo que dois deles disseram que desde "pequenininho" ou desde "bebê". Quatro (33,33%) não conseguiram especificar o tempo. Quando perguntados sobre a periodicidade com que frequentavam a terapia fonoaudiológica, nove (75%) identificaram como sendo uma ou duas vezes por semana

e três (25%) não souberam dizer. Quando perguntados sobre como avaliavam a terapia fonoaudiológica, dez (83,33%) crianças disseram gostar. Uma das crianças relatou gostar somente do uso de LIBRAS. Para quase a totalidade das crianças e adolescentes as terapias fonoaudiológica os ajudavam a entender e a falar melhor.

Com relação às atividades de que mais gostavam na terapia fonoaudiológica, cinco (41,66%) crianças disseram que gostavam de brincar e jogar, quatro falaram em escrever história, duas citaram a leitura labial e uma criança disse que a terapia não a ajudava em nada.

Exemplos de relatos:

Recorte 1.

P2 — (perguntar) VOCÊ PENSAR FONO AJUDAR VOCÊ ENTENDER MELHOR
FALAR MELHOR
K — SIM (sinalizando com a cabeça)
P2 — (perguntando) O QUE VOCÊ MAIS GOSTAR FAZER FONO
K — LEITURA LABIAL QUER FALAR APRENDER

Recorte 2.

P2 — (perguntando) VOCÊ PENSAR FONO AJUDAR VOCÊ FALAR MELHOR
L — BOM ORALIDADE FUTURO INTELIGENTE ORALIDADE
P2 — (perguntando) O QUE VOCÊ MAIS GOSTAR FAZER FONO ATIVIDADE
QUAL
L — ESCREVER ORALIDADE APRENDER OUVIR LEITURA LABIAL APRENDER
ESCREVER COISA

Com relação ao uso dos aparelhos de amplificação sonora individual, sete disseram usar os dois aparelhos, três disseram usar somente um aparelho e dois relataram não usar. Quando perguntados sobre o quanto o aparelho os ajudava a entender melhor o som, onze disseram que os aparelhos ajudavam e somente uma criança disse não ver resultados com os aparelhos.

Recorte 3.

P1: Com aparelho você falou que ouve mais (...) o que você ouve mais?
M: Por que eu ouvo mais?
P1: O quê? (S)
M: Grita (S), bate palma e faz *barulho* (S)
P1: Ai você ouve mais?
M: Sim (sinal de positivo com a cabeça)

Nos recortes 1, 2 e 3, pode-se notar que os sujeitos percebem a importância do atendimento fonoaudiológico recebido, ao afirmarem o quanto a terapia contribuiu para a melhora de sua comunicação, tanto no que se refere ao entendimento de um interlocutor (leitura labial), quanto no que se refere à fala (oralidade). Reconhecem também a importância dos aparelhos de amplificação sonora individual.

Vale ressaltar, ainda, que a possibilidade de realização das entrevistas com os sujeitos surdos deveu-se ao fato de que estes são fluentes em língua de sinais, língua natural dos surdos.

Respostas dos pais

Quanto aos familiares que responderam as questões, tivemos oito (66,66%) mães e quatro (33,33%) pais.

Na pergunta sobre como foi para os pais receber o diagnóstico da perda auditiva, observa-se que temos mães que citaram ter sido “muito difícil”.

No recorte 1, pode-se observar que o primeiro profissional a ser procurado pelo pai e que o orientou foi uma fonoaudióloga, o que mostra o fonoaudiólogo como um profissional de referência na área da surdez.

Recorte 1.

PI: Qual o profissional a que você recorreu para conversar sobre o assunto quando ficou sabendo?

RI: Então (...) quando a gente percebeu que o AD {...} o AD foi perdendo gradativamente (...) no hospital mesmo (...) aí, quando eu tirei ele do hospital (...) nem o médico tinha percebido nem a minha esposa (...) e eu percebi que ele tava perdendo a audição {...} a gente morava no Guarujá e eu trabalhava [SI], então eu vim pra Santos, aí nos meus empregos eu sempre tenho que fazer audiometria, todo lugar que eu entro eu tenho que fazer (...) aí eu conversei com uma fono (...) aí ela me indicou outra pessoa pra fazer o Bera né? (...) aí viu que ele tinha perda de audição mesmo.

PI: Então foi com uma fono mesmo?

RI: Foi, que ele precisava de aparelho (...) aí descobrimo o centrinho de Bauru e depois aqui [SI], mas foi a fono mesmo.

Nos recortes correspondentes aos questionários aplicados, é possível constatar, através da fala dos sujeitos entrevistados, as situações em que a fonoaudiologia reflete a sua importância no auxílio do desenvolvimento da linguagem de crianças surdas. O fonoaudiólogo está envolvido no trabalho com surdos desde a detecção da surdez até o tratamento, realizando orientações às famílias

com relação à indicação de próteses auditivas, à escolha de metodologias educacionais para a criança e ao tratamento clínico fonoaudiológico (GUARINELLO; LACERDA, 2007).

P2 — E a senhora acha que o trabalho com a fono ele trouxe algum benefício pra AS?

AS — É, com certeza, né? Pra ela desenvolver a fala, né? Através da Fono (...) que ela inclusive coisas que ela vai falá ela põe a mão no nariz e a mão aqui [levando a mão até a parte da frente do pescoço] porque tem coisa que o som sai por aqui, né? Então daí ela põe a mão (...) e eu acho que foi um desenvolvimento que ela entendeu o que é som nasal (...) e o que é som oral, né? Porque o som que sai por aqui é o som oral [apontando para a boca]

P2 — (...) e assim, depois que ela começou a fazer Fono (...) você acha que ela melhorou o contato dela com outras crianças? Até com a família? A relação mesmo (...) a comunicação dela com outros familiares, na escola, com os amigos? Você acha que isso contribuiu?

AS — Se eu acho que contribuiu? (...) Olha (...) eu num sei se contribuiu porque a AS ela tem facilidade de fazer amizade (...) num sei se (...) com certeza contribuiu em alguma coisa, né? (...) com certeza contribuiu também, né? Pra ajudá ela entendê também porque, que nem, ajuda pra entendê a leitura labial, né?

AS — Então ajuda ela a entendê, que nem, esses dias atrás mesmo (...) eu num sei que que aconteceu que o colega fez com ela que ela pediu (...) ela falô pra mim que a colega pediu desculpa pra ela né? (...) Aí eu falei assim (...) mas como você entendeu? (...) Que ela pediu desculpa? Aí ela falou foi por aqui [apontando a boca] pela boca (...) pela leitura labial que ela entendeu (...) falei como que você entendeu porque a menina não sabe sinal, né?

A intervenção fonoaudiológica em pessoas surdas visa a otimização da comunicação e melhor integração social (GUARINELLO; LACERDA, 2007). Nos recortes 2 e 3, vemos que ambas as mães identificam o desenvolvimento linguístico e social de seus filhos, assim como os demais pais entrevistados.

Acredita-se que tal desenvolvimento vem vinculado à abordagem utilizada para a terapia fonoaudiológica, sendo esta bilíngue. Desse modo, no decorrer das interações valoriza-se a importância das duas formas de comunicação: a gestual e a oral. Sendo o surdo um indivíduo bicultural, pertencente à comunidade surda e à ouvinte, faz-se necessário que tenha acesso às duas línguas, pois só assim alcançará seu desenvolvimento pleno como ser bicultural (FREJMAN, 1998).

PI — Você disse no início da entrevista que você conheceu outras abordagens de terapia (...) diferentes da utilizada aqui no Cepre, né? (...) E você conhecendo (...), o que você vê de bom ou de ruim?

JU — Conheço o oralismo (...) que é bem diferente do bilinguismo que usam aqui no Cepre (...) Eu levava ele e não via diferença (...) ele não aprendia a falar nada e não entendia nada do que a gente falava pra ele (...) e isso foi diferente aqui no Cepre (...) quando ele começou a entender as coisas (...) foi muito importante pra mim ver ele conseguindo entender o que eu falava (...) eu vi com o meu filho que pro surdo é melhor o bilinguismo (...) bom pra ele foi (...) porque ele passou a entender melhor as coisas (...) pra mim foi muito difícil aceitar a língua de sinais (...) mais daí comecei a fazer e ver que conseguia me comunicar com ele (...) [risos] e hoje eu gosto bastante de Libras.

A partir dos dados obtidos, foram destacados os recortes das entrevistas que se mostraram mais significativos no que se refere ao papel da fonoaudiologia para o desenvolvimento da linguagem da criança surda. Os resultados obtidos confirmam a expectativa prévia desta pesquisa, em que observamos a importância dada para a atuação fonoaudiológica pelos pais e pelos sujeitos.

Conclusão

A partir deste trabalho, pode-se verificar que a Fonoaudiologia tem um papel fundamental para o desenvolvimento do sujeito surdo, não apenas no que se refere à indicação da prótese auditiva, como também à escolha da abordagem educacional e no acompanhamento do tratamento clínico profissional.

Segundo os relatos dos pais e dos próprios sujeitos, a abordagem utilizada, o bilinguismo, mostrou-se adequada para o trabalho com os surdos, uma vez que permite que o sujeito surdo seja visto por outra perspectiva, desmistificando conceitos que dizem respeito à sua capacidade de aprendizagem, considerando-o como um ser bilíngue e bicultural, capaz de integrar-se a duas comunidades: surda e ouvinte.

Referências bibliográficas

CARVALHO, A.P.P.; LEVY, C.C.A.C. A história de surdos contada por ouvintes. In: LEVY, C.C.A.C.; SIMONETTI, P. *O surdo em si maior*. São Paulo: Editora Roca, 1999, p. 11-25.

FREJMAN, M.W. *Relações entre processos cognitivos e lingüísticos: terapia fonoaudiológica para adolescente surdo, dentro de uma visão sócio-antropológica.*

Disponível em: <http://www.fonoaudiologia.com>. Acesso em: 15 de janeiro de 2009.

GESUELI, M.G. Linguagem e identidade: a surdez em questão. *Revista de Ciência da Educação: Educação e Sociedade*, n. 27, 2006, p. 277-292.

GÓES, M.C.R.; SOUZA, R.M. A linguagem e as estratégias comunicativas na interlocução entre educadores ouvintes e alunos surdos. *Revista Distúrbios da Comunicação*, n. 10 (1), p. 59-76.

GUARINELLO, A.C.; LACERDA, C.B.F. O grupo de familiares de surdos como espaço de reflexão e de possibilidades de mudança. In: GUARINELLO, A.C. et al. *Abordagens grupais em Fonoaudiologia*. São Paulo: Plexus, 2007, p. 105-119.

LACERDA, C.B.F.; MANTELATTO, S.A.C. As diferentes concepções de linguagem na prática fonoaudiológica. In: LACERDA, C.B.F.; NAKAMURA, H.; LIMA, M.C. (Orgs.). *Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngüe*. São Paulo: Editora Plexus; 2000, p. 21-41.

MCLAREN, P. White terror and oppositional agency: Towards a critical multiculturalism. In: _____. *Critical pedagogy and predatory culture. Oppositional politics in a postmodern era*. London and New York: Routledge; 1995.

SKLIAR, C.B. Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In: _____. (Org.). *Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em Educação Especial*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997, p. 105-153.

_____. Os Estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: _____. (Org.). *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998, p. 7-31.

QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS PAIS

INICIAIS:

DATA:

- 1) Quando foi diagnosticada a surdez de seu filho(a)?
- 2) Como foi para você saber o diagnóstico?
- 3) Tinha algum conhecimento sobre a surdez e sobre os sujeitos surdos?

- 4) Como foi que sua família (marido, esposa, filhos, avós, tios, tias) recebeu a notícia?
- 5) Qual o profissional a que você recorreu para orientá-lo(a) sobre o assunto?
- 6) Que tipo de ajuda foi oferecida por esse profissional?
- 7) Como e quando você começou a frequentar o Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação Prof. Dr. Gabriel O. S. Porto (Cepre)?
- 8) No Cepre, você e seu filho(a) receberam orientações de quais profissionais? O quanto estas orientações modificaram seu modo de ver a surdez?
- 9) Com que idade seu filho começou a fazer terapia fonoaudiológica?
- 10) Você acha que a Terapia Fonoaudiológica trouxe algum benefício para o desenvolvimento de seu filho(a)? Se sim, quais?
- 11) O desempenho dele(a) social, escolar e familiar mudou depois de iniciada a terapia fonoaudiológica?
- 12) Você acha que seu filho(a) gosta de frequentar os atendimentos? Ele dá alguma importância para o mesmo?
- 13) Você sabe qual abordagem de terapia é aplicada aqui no Cepre? Conhece outras abordagens? Se sim, o que você vê de bom ou de ruim, ou gostaria de mudar na abordagem utilizada no Cepre?

QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS SUJEITOS SURDOS

INICIAIS:

DATA:

- 1) Você frequenta a terapia fonoaudiológica há quanto tempo? Quantas vezes por semana?
- 2) Você gosta de frequentar as terapias fonoaudiológicas?
- 3) Você acha que a terapia te ajuda a falar e entender melhor a fala dos outros?
- 4) O que você mais gosta de fazer quando está em terapia com a fonoaudióloga?
- 5) Você utiliza aparelho de amplificação sonora individual (AASI)?
- 6) Se respondeu sim na questão acima, responda: você acha que com o aparelho consegue ouvir mais e compreender melhor os sons?